

Vida, liberdade e responsabilidade em Hans Jonas

Eduardo José Lima de Oliveira (Bolsista PIBIC/CNPq), Helder Buenos Aires de Carvalho
(Orientador, Departamento de Filosofia/UFPI)

Introdução

Encontramo-nos num período da história que denominamos de *pós-modernidade*, o qual é intensamente marcado pelo grandioso avanço da tecnologia e da ciência. Nunca a técnica do homem evoluiu tão apressadamente como se vê neste período, nesta que é denominada de a era da tecnologia e da ciência. Um questionamento pertinente que se levanta, e que é um dos principais temas dos escritos do filósofo Hans Jonas é “*está o homem preparado para receber tamanho poder?*” A partir de determinado ponto de vista, é possível afirmar que Jonas aponta este como sendo talvez o maior problema de todos, pois em sua principal obra, *O Princípio Responsabilidade*, ele procura mostrar a crise que é gerada entre a incongruência do crescimento do poder técnico-científico do homem e sua capacidade ética e moral de lidar com essa nova situação, pois ética alguma vigente é capaz de lidar com esse problema. Numa leitura inicial da obra magna de Jonas é possível notar que ele procura mostrar isso através do famoso canto do coral da *Antígona*, de Sófocles. Este coro retrata como se dá essa relação de poderio do homem sobre a natureza, de como anteriormente a ação humana era inofensiva ao planeta e como tal situação mudou com o avanço da técnica. Daí a preocupação em propor uma nova ética, um agir capaz de ser significativo dentro desse novo contexto técnico-científico.

Metodologia

Aqui foi tomada como eixo diretor a obra *O princípio vida* (2004), seguido de *O princípio responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica* (2006); juntamente com alguns artigos e livros de intérpretes de sua obra, seja buscando uma análise interna de sua teoria, seja pensando a relação homem-natureza e o problema ambiental a partir da perspectiva da responsabilidade e sua conexão com a liberdade. O tratamento da discussão presente no corpus da pesquisa foi feito a partir de uma perspectiva interpretativa inspirada na hermenêutica filosófica de Gadamer (2003). Isso significa que se tomará seriamente a historicidade de todo debate filosófico-científico, ou seja, que qualquer formulação teórica é uma resposta às questões de seu tempo e elaborada sob o efeito da própria história que se sobrepõe sobre nós.

Foram realizadas leituras reflexivas das já citadas principais obras de Jonas bem como pesquisas e leitura de artigos relacionados ao proposto tema. Foram feitas também reuniões para leituras e discussões da obra *O princípio vida* como também de outras literaturas, as quais se encontram nas referências bibliográficas deste trabalho. Também foram feitas outras leituras adicionais de outras obras do referido autor, tais como: *Pensar sobre Dios y otros ensayos* (1998) e também a obra *Ética, medicina e técnica* (1994) visando, a partir de tais leituras, uma compreensão ainda mais abrangente do pensamento jonasiano e conseqüentemente, maior facilidade no desenvolvimento da proposta deste trabalho.

Resultados e Discussão

Nessas últimas décadas, como resquícios do final do século XIX e de todo o século XX, tem-se

levantado grande preocupação em relação à vida. São palestras, congressos, a mídia, a ONU, todos esboçam grande preocupação com o meio ambiente, com a vida, e não somente a vida do homem, como era anteriormente acentuada pelas éticas tradicionais, mas sim da vida como um todo. Esse caráter escatológico e apocalíptico no qual tem desembocado o mundo, drásticas mudanças climáticas, aumento na temperatura do planeta, desmatamento, aumento do buraco na camada de ozônio, etc., fez que o homem, o ser detentor da razão, por esse motivo vem a ser o único com possibilidades de mudar tais situações, a partir de sentimentos e afetos, como o medo da sua própria destruição e da não existência de uma vida autêntica no futuro, viesse a se preocupar e ponderar a respeito de suas ações. Pois ele mesmo pôde perceber que suas ações, executadas de forma irresponsável consistiam no fator que estava causando (e ainda está) a destruição do planeta e, conseqüentemente, sua própria destruição, ou seja, o homem tem colocado em risco a possibilidade de vida autêntica do planeta, pois ao passo que ele afeta a vida que jaz no meio ambiente ele também afeta a sua própria vida. “Pois meio ambiente não são apenas aquelas regiões especiais que nos preocupamos em proteger (...). O meio ambiente abrange não apenas o ambiente natural mas também o ambiente construído pelo homem e certamente que também o próprio homem” .

Claro, não que toda a humanidade já tenha se dado conta desse problema, de que nós, seres humanos, somos responsáveis pela vida ou não-vida do planeta, pois muitos são os que entendem a vida como produto do acaso. Mas o que Jonas chama a atenção é que não somente uma pequena parcela da humanidade deve ter tal consciência, mas sim toda ela, ou pelo menos a maioria. No prefácio de sua obra magna, O Princípio Responsabilidade, Jonas descreve esse quadro da seguinte maneira:

O Prometeu definitivamente desacorrentado, ao qual a ciência confere forças antes inimagináveis e a economia o impulso infatigável, clama por uma ética que, por meio de freios involuntários, impeça o poder dos homens de se transformar em uma desgraça para eles mesmos.

O homem é um ser que se diferencia em muito dos outros animais; ele possui uma racionalidade diferenciada como também é o único detentor da capacidade de fazer suas escolhas, ou seja, somente o homem possui o livre direito de escolha, o livre arbítrio. Mas a pergunta que aqui é levantada, para que venhamos a tentar pelo menos dar um direcionamento a uma possível resposta, é “até onde vai a liberdade do homem?” Principalmente em se tratando de sua relação com a natureza e as outras formas de vida, sendo que o homem é “aquele que tem a primazia”, o que foi “instituído por Deus” como a autoridade máxima das formas de vida terrestre, como fazer com que tal condição excêntrica, juntamente com essa liberdade de juízo que não é somente sobre si, mas também sobre todas as outras formas de vida a seu redor, não venha a fazer que o homem num ato, ou através de vários atos de irresponsabilidade, mediante tamanho poder, acabe de uma vez por todas com a vida autêntica do planeta? A liberdade do homem não pode ser em hipótese alguma a causa de sua autodestruição, como também a destruição das outras formas de vida. Essa liberdade deve ser um instrumento usado pelo homem para afirmação da vida, ao Ser e não a sua negação, porém é certo que exatamente por ser livre o homem é também um ente de possibilidade, ao mesmo tempo em que ele, por meio da liberdade, faça afirmação de si, do Ser e da vida, ela também pode

ser o agente destruidor dessa mesma vida. A capacidade racional e a liberdade não são apenas características básicas que pertencem ao homem, são instâncias que tornam o homem esse ente que se mostra diferenciado, com a possibilidade de autenticidade. Somente ele mesmo pode ser tido como esse ser autêntico e isso somente se torna possível em utilização de sua diferença para a projeção do sim da vida, do Ser.

Ao tratar-se de ética é imprescindível tratar de valores, e claro que isso inclui tanto o valor do homem como também o valor da vida. Desde que houve a grande ascensão da ciência e, principalmente da técnica, o que faz o mundo a cada dia mais ser capitalista, tem havido também grande inversão de valores: não mais a vida é o bem maior, mas sim a matéria. Aqueles que verdadeiramente consistem em reais valores para o homem tem se tornado em valores de segunda ordem, a verdade é que a técnica e a ciência, de certa forma, parecem estar cegando o entendimento do homem, pois ele mesmo não tem conseguido valorizar nem mesmo a si próprio, quanto mais a vida. A discussão proposta por Jonas, no âmbito da vida, é de cunho ontológico. Quando se trata de “bem” e de “valor” o Ser é possuidor de tais valores independente de quaisquer atribuições externas, que é exatamente o que se quer evitar e é o que se vê nas propostas éticas tradicionais. Como por exemplo, na ética cristã o dever é envolto pela vontade do ser divino, o fazer e o deixar de fazer é determinado pela vontade desse ser supremo. Jonas afirma que:

(...) um “imperativo” pode emanar não apenas de uma vontade dominadora – por exemplo, de um Deus pessoal –, mas também de uma demanda imanente daquilo que é bom por si mesmo, que deve realizar-se¹.

É importante entender que a técnica deve estar a serviço do homem e não o homem estar subjugado a ela. O homem precisa atentar-se para os riscos que pode estar sujeito ao assumir a postura de objeto da técnica. Cada passo que é dado pelo homem rumo às novas descobertas tecnológicas e científicas, cada avanço, ensina que a necessidade da ação responsável é imprescindível, pois se diz que toda essa transformação da técnica tem como finalidade tornar ainda mais cômoda a vida do homem e isso faz com que a própria vida se torne objeto de estudo, de experimento, o que acaba tornando a possibilidade da não-vida cada vez mais uma realidade e “assim podemos entender que a vida considerada como experimento envolvendo apostas e riscos cada vez maiores, que com o destino do ser humano para a liberdade pode levar tanto à catástrofe quanto ao êxito”

Conclusão

Na estrutura deste trabalho o que nos propusemos a mostrar foi a relação do princípio de responsabilidade, proposto por Hans Jonas, ao agir livre do homem, o qual deve se dar de forma responsável. E também como a vida e sua preservação é afetada, tanto de forma positiva quanto negativa, pela relação que é mantida por esta liberdade do homem e seu modo de agir. Num primeiro momento ficou notório que a preocupação desse novo agir está exatamente focalizada na preservação de vida autêntica no planeta, que a finalidade dessa nova proposta, de acordo com o

¹ Idem, p. 149.

que aqui foi abordado, consiste em harmonizar o exercício do agir moral livre levando em consideração o sentimento de responsabilidade para assim desembocar no que Jonas chama de vida autêntica no planeta. Que esse agir ético, que é marcado por um novo contexto da história, o ambiente da técnica e da ciência, deve estar proposto em se preocupar não somente com a vida do homem, como tem sido a preocupação das éticas tradicionais, mas ele deve ser diferenciado. A vida além de ser um bem em si consiste no bem maior que há e o homem, como ente capaz de exercer sua liberdade de forma significativa sobre as outras formas de vida, deve ser aquele detentor da responsabilidade a outras formas de vida. Que essa liberdade só pode ser um bem se exercida de forma responsável, pois quando essa liberdade é exercida de forma irresponsável ela pode ser capaz até mesmo de causar a destruição do próprio homem, como também de toda forma de vida do planeta.

A vida, como sendo o ponto central desta proposta ética, que é um bem em si que necessita de ser preservada e que o homem precisa deixar de ser o centro da ética para dar lugar à vida, pois esta sim deve ser o centro de todo e qualquer agir moral. A liberdade do homem não pode ser desconsiderada, o homem não pode deixar de ser um ente livre, porém essa liberdade necessita de limites, o limite da preservação da vida, valor esse que está acima que qualquer outro. Que a heurística do temor é um dispositivo imprescindível de ser usado, o qual é capaz de evocar a responsabilidade que é o sentimento chave para que o homem possa chegar ao cumprimento da tarefa de preservação de vida autêntica no planeta.

Apoio: Pibic / CNPq

Referências

CAMERON, James; LANDAU, Jon. *Avatar*. Produção de James Cameron e Jon Landau, direção de James Cameron. EUA. Fox Film. 2009.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

JAMIESON, Dale. *Ética e meio ambiente: uma introdução*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010.

JONAS, Hans. *Ética, medicina e técnica*. Trad. António Fernando Cascais. Lisboa: Vega, 1994.

_____. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto/ ed. PUC- Rio, 2006.

_____. *O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

LOPES, Wendell Evangelista Soares. *Sobre a fundamentação da ética: o sentimento de responsabilidade em Hans Jonas*. In: SANTOS, Robinson; Jelson Oliveira, Lourenço Zancanaro (orgs.). *Ética para a civilização tecnológica: em diálogo com Hans Jonas*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2011. p.129 - 153.

Palavras-chave: Vida. Liberdade. Responsabilidade.